

**Marechal,
boi de carro**

Joaquim Cardozo

**Marechal,
boi de carro**

PRIMEIRO QUADRO

A cena representa uma pequena clareira na mata próxima à cidade de Muribeca. Um caminho carroçável atravessa essa clareira. Três homens armados com cartucheiras e fuzis. Entre estes três, há diferença de cultura, sendo um deles mais sábio. Não são cangaceiros, nem salteadores. Descansam em silêncio. Silêncio apenas interrompido pelo despegar de uma folha de árvore, ou pelo latido distante da lagartixa do mato. Ouve-se, de repente, um canto. Um dos homens tenta iniciar uma conversa.

Primeiro homem O poder não está nas armas
 Não está na força a coragem.
 Os macobebas fugiram,
 Somente resta a paisagem.

Ao soar de sua última palavra, ouve-se passar próximo um carro de boi; ouvem-se bem o rangido das rodas, os gritos do carreiro etc.: as cantadeiras cantam louvando o boi Marechal, boi querido, amado por todos, adultos e crianças que sempre o aplaudiam na sua passagem pelas estradas que levam à cidade de Muribeca. Era de fato um boi bom de coice e de cambão. Sobre o rangido das rodas, um pouco distante, as cantadeiras cantam.

Cantadeiras Bumba meu boi. Dança,
 Dança do povo em geral.
 O carro passa e o carreiro
 Canta: meu boi Marechal!
 Cavalo, cavalo-marinho;

Meu boi, meu boi Marechal;
Por onde vou é caminho,
Não é estrada real.
Na frente vão, juntos,
Os bois Poeta e Cardeal.
No coice agüentam o rojão
Manso, e o boi Marechal
Cavalo, cavalo-marinho
Meu boi, meu boi Marechal;
Por onde vou é caminho,
Não é estrada real.
Bumba meu boi. Dança
Que tudo na vida é igual
Levando os bois, boiadeiro
Canta: meu boi Marechal.
Cavalo, cavalo-marinho
Meu boi, meu boi Marechal;
Por onde vou é caminho,
Não é estrada real.

O som das rodas e o canto se perdem na distância. Os três iniciam uma conversa.

Primeiro homem Os macobecas; quem sabe
De onde vieram tantos seres
Nunca vistos. Tantos seres...
Não se sabe bem quem eram
De onde surgiram assim,
Com seus costumes estranhos
Pois cangaceiros não eram

Nem tampouco eram bandidos
Ou salteadores de estrada.

Segundo homem Bem armados é que estavam,
De punhal e mosquetão
E levaram Muribeca
A uma grande danação
Suponho que eram demônios
Pelos seus crimes de então;
Pelas misérias que aqui
Cometeram.

Terceiro homem Logo quando
Na cidade se instalaram,
Depois de tantas pessoas
Terem ferido ou matado
À nossa matriz rumaram
À nossa grande matriz
E dela a Santa tiraram:
Nossa Senhora das Dores
E em seu lugar colocaram
Uma mula sem cabeça.
Por isso penso que são
Gente do inferno enviada
Por satanás.

Primeiro homem Não... Não... Nada
Disso; porém, eu suponho
Que não sendo cangaceiros
Nem bandidos, ou de estradas

Salteadores, talvez fossem
Gênios da terra surgidos,
Surgidos da pedra bruta
De uma noite antecipada
Talvez ciganos, boêmios...
Talvez antigos bandidos
Surgidos do chão da morte
Por coisa feita ou feitiço
Que comunica a má sorte,
Que contra a nossa cidade
Tenha armado algum demiurgo
Com macabra crueldade.

Terceiro homem

Seja assim, ou de outro modo
Tenha sido o seu serviço,
O certo é que Muribeca
Passou aflições incriveis
Com a chegada e a maldade
Dos macobebas.

Segundo homem

Sem dúvida.
Basta somente aludir
Às invenções imprevistas,
Às loucas iniciativas
– Partido sujo e infeliz –
Que os ladrões aqui tomaram
Além da profanação
Que fizeram na Matriz

- Primeiro homem** E os seus chefes. Esquisito
É enumerá-los: o chefe,
O que logo aparecia,
Com orgulho se chamava
Comandante Mulamanca;
Um outro que se dizia
Capitão Caxerenguengue!
Um terceiro se nomeava
Sargento-mor João Bulhufas,
Que sempre comendo estava
E sempre soltando bufas.
- Segundo homem** Mas voltando às invenções,
Às novidades criadas
Pelo gênio desses gênios,
Pode-se dizer que, entre outras,
Criaram a reforma agrária
E dividiram as terras
Em sítios pra cemitérios,
Ou em quadras funerárias.
- Primeiro homem** Criaram a universidade:
O Campus de Muribeca.
- Terceiro homem** Criaram um museu fantástico,
De conceber-se impossível.
- Segundo homem** Na louca Universidade
Fundaram um Instituto
De pesquisas tecnológicas:

Por simples transformações
Nas proteínas da boca
O paladar alteravam:
O que era doce se fez
Salgado. E o gosto do sal
Era mais doce que açúcar.

Terceiro homem O mau cheiro era cheiroso
E o cheiroso é que fedia
Convenientes mudanças
Das proteínas, diziam.
Assim, a bosta da vaca
Podia bem se comer,
Os bolotes dos cavalos
De bom gosto também eram,
Os caganitos de cabra
Nos armazéns se vendiam.

Primeiro homem Mas eles próprios gostavam
Era da boa comida,
Da boa carne de boi,
Mão de vaca e chamberil,
Da buchada e do filé;
Muito boas feijoadas
Com carne-seca e com tripa,
Com pé de porco e lingüiça.
Gostavam do que era bom
E para os pobres diabos
Ficavam só destinados
Os produtos descobertos

Em suas sensacionais
Pesquisas.

Segundo homem Tanto era assim
Que destruíram os rebanhos,
Devastaram quase tudo
Que existia em Muribeca.

*Ouve-se o canto das cantadeiras, com a volta do carro
de boi e o seu característico rangido.*

Cantadeiras Para descer a ladeira
Não precisa outro sinal:
Toque, da vara, a porteira
No boi maior: Marechal!
Marechal! Marechal! Ai!
Marechal!
E passa o carro rangendo
A porteira atravessando;
O carreiro vai tangendo,
O ranger acompanhando.
Marechal! Marechal! Ai!
Marechal!
O carreiro canta e a calma
Tira da gente em geral.
Todo mundo bate palmas
Ao boi maior: Marechal!
Marechal! Marechal! Ai!
Marechal!

Primeiro homem Fizeram um museu exótico
De figuras escabrosas
Fizeram uma coleção
De caiporas, lobisomens,
Mulas de padre e de frade
De vários tempos e formas;
Também de vários tamanhos;
Tudo bem distribuído
Num museu do qual diziam
Ser museu religioso.

Segundo homem Na sua universidade
Também matérias exóticas
Se ensinavam, se aprendiam,
Ciências como as seguintes:
– Bestialógica analítica,
Cadeira que era regida
Pelo Doutor Rabanete.
– Geometria operatória
Do Doutor Zebralezinho,
Onde enxertos se faziam
Os possíveis e impossíveis
Cagafobética artística,
Regida pelo eminente
Professor Canguru
E tantas e tantas outras...

Primeiro homem E a mestra que lecionava
Erotológica atual?

Como era que se chamava?
Do seu nome não me lembro.

Terceiro homem É verdade; do seu nome
Também não me lembro. Esqueci:
Mas era assim qualquer coisa
Como Doutora Cocota,
Professora Maricota
Não sei bem, não me recordo.

Segundo homem (*explicando*)

Mas... tratava-se da ilustre;
Da mais célebre de todas
Que deste assunto entendia.
– Essa cadeira ensinava
A muito ilustre doutora
De origem italiana,
De nome internacional;
Era a Doutora Ancoreta
Della Bella Chochota. Ah!
De que prestígio gozava
Na famosa Academia!

*Ouve-se o som de uma marcha e um canto de cantadeiras.
Os homens calam.*

Cantadeiras Não se pode ao mesmo tempo
Chupar cana e assobiar;
Do mesmo modo não posso
Ter a ti e te deixar.
Vou-me embora, vou-me embora,

Noutra terra trabalhar;
Se aqui deixo a minha ausência,
Muita ausência vou levar.
Se quiser chamar me chame,
Ao teu mando é que obedeco
Só de ti, sem que me engane,
Tenho tudo que mereço.
No ranger dessas porteiras
Ouço a voz do teu deixar
Para além das pitombeiras
Ouvi um galo cantar.

Aparece o Capitão no seu Cavallo-Marinho; vem em baixo leve e passado para que os seus companheiros possam acompanhá-lo; vêm com ele Mateus, Catirina, Bastião e duas cantadeiras. Eles entram pelo lado em que se tem ouvido as cantadeiras.

Primeiro homem Ora viva, Capitão!
De onde está chegando agora?

Capitão Venho do engenho Brejal,
Desse Doutor Bertolino
Que é dono do boi famoso
Que se chama Marechal.

Segundo homem Que achou por lá, Capitão?
Tudo arrasado? Há pouco,
Porém, passou aqui perto
O carro do seu engenho

Com duas juntas de bois:
Nada sofreram, portanto.

Capitão

Ah! É verdade o que diz,
Nada sofreram! É estranho
Que os macobebas poupassem
Esse doutor Bertolino
– Até que faz suspeitar –
Em nada ali lhe tocaram.
Que prestígio ele teria
Para ser assim tratado?
Há nisso qualquer mistério.

Mateus (*interrompendo o capitão*)

Dê licença, Capitão,
Mas do mistério bem sei,
Pois até bem pouco tempo
Fui seu carreiro. E o seu jeito
De saber torcer as coisas
Sempre bem para o seu lado,
Para mim é coisa feita
Ligada a pouca vergonha.

Capitão

É lá de Brejal que venho
E trago triste notícia
Que a todos nós confrangeu.
Sobre a sorte do boi grande
Que se chama Marechal.
É certa a voz que correu
Desse seu boi tão querido

Esse senhor de Brejal
Vai mandá-lo para o açougue
Por se tratar, disse-me ele,
De boi já velho e cansado.
Não sei agora como é
Que as coisas vão suceder
Pois o boi é admirado
Por toda a gente que mora
Na cidade e nos subúrbios
De Muribeca.

Catirina (*exaltada*) É um sabujo,
É um sem-vergonha, afinal;
Não sei de ninguém mais sujo
Que esse senhor de Brejal.

Bastião (*exaltado*) Pela salvação do boi
Aqui estamos bem dispostos
A lutar.

Capitão Vou voltando
E um plano vou combinar
De salvação para o boi.
Quanto ao Doutor Bertolino,
Tentei vencê-lo em vão;
E lhe disse, sem magoá-lo
Que se o boi já está cansado
E não dá mais pra serviço
É por um outro mudá-lo,
Sem ser preciso, no entanto,

Para um açougue enviá-lo.
De modo, de modo algum
O homem quis convencer-se
Desolado, retirei-me
Mas a nossa luta brava
Para da morte livrá-lo
Vai agora começar.

Mateus

Meu Capitão, com licença,
Vossa Mercê esqueceu-se
Que esse dr. Bertolino
Também disse que em negócios
Se encontrava pra vender
O seu vasto latifúndio
A uma empresa estrangeira.
Voltaria pro Recife
Para ser comerciante
E enriquecer mais depressa.

Catirina

Pode ser que esteja certo:
Estas terras por aqui
Lá que não são muito boas.

Mateus

Até pouco fui carreiro
Desse doutor Bertolino
Com minhas mãos conduzi,
Por muito tempo seguido,
O boi maior, Marechal.
(pausa)
Conheço bem o doutor.

Posso vos dizer portanto
Que a luta vai ser difícil.

Bastião

Vamos ver e vamos crer
Quem vai vencer nessa luta.
Todos aqui vamos indo
À feira de Jaboatão
Onde amanhã muito cedo
Vai começar o leilão
Do boi maior: Marechal.

Os três homens nessa altura se despedem, dizendo que tinham ainda muito que fazer na cidade. Despedem-se do Capitão e da sua gente.

Segundo homem

Muito bem, meu Capitão.
Agora, porém, queremos,
Queremos nos despedir:
À cidade estão voltando
Todos que dela fugiram
Pensamos acomodá-los
Nas casas que resistiram
À ruína quase total.
Até breve, Capitão! *(afastando-se)*
(Os outros dois homens):
Até breve, Capitão! *(saem)*

Capitão

Aqui, neste remansado
Recanto de encruzilhada
Vamos ficar repousando
Um pouco. Logo depois

Poderemos prosseguir
Nessa longa caminhada.

*(O Capitão se afasta para o lado, e volta desmontado.
O Capitão e os seus companheiros se acomodam em lugares
sombrios).*

Cantadeiras *(anunciando o vendedor de caldo de cana)*

Um vendedor se aproxima
Vendendo caldo de cana,
Trazendo em suas cabaças
Caldo de cana caiana.
Na sua cabaça grande
O doce caldo guardado;
Na mais pequena é que vem
Caldo de cana picado.

Entra um vendedor de caldo de cana com suas cabaças.

Capitão

Ora viva! Agora vamos
Beber do caldo de cana
Que o nosso amigo aqui traz,
E vai servir de refresco
Que um grande alívio nos faz
Ao calor que vem conosco.
(O vendedor pára)
Um copo aqui do mais doce.

*(O vendedor despeja num copo o caldo da cabaça
grande e entrega ao Capitão)*

Mateus

Para mim quero também
Do caldo doce. Vê lá!

(para o vendedor)

A cana é mesmo caiana?

Vendedor *(entregando o copo)*

Inhor sim que é doce mesmo

E é caiana verdadeira.

Catirina

Para mim seja mesclado

Quero dos dois em um só:

Meio doce, meio picado.

*O vendedor verte das duas cabaças que
traz.*

Bastião

Gosto mais é do picado;

Não gosto muito do puro

Seja de que caldo for:

Sendo os dois tão diferentes

Não junto os dois, nem misturo.

Vendedor *(depois de arrolhar as cabaças, se prepara para
sair, tira o chapéu, cumprimenta para sair)*

Agora os senhores sabem

Que o caldo é bom de verdade.

Capitão

Você fugiu da cidade

Há quanto tempo, disse-me.

Vendedor

Os bicho entraro danados,

Quebraro a minha paioça,

Quebraro as minhas cabaças

(pausa)

Dixero que tudo agora,
 Está carmo e assossegado
 Que os bicho foro simbora...
 Entonce vou me arrumá
 Me ajeita bem direitinho
 Pra de novo vivê lá

(faz um gesto no sentido de Muribeca)

Capitão *(pagando ao vendedor)*

O caldo é de boa cana,
 Está gostoso que está.
 Pode ir, seu vendedor,
 Pode voltar sossegado,
 A luta já terminou.

Vendedor *(para os presentes tocando no chapéu)*

Inté logo, meus senhores!

Cantadeiras

Vendedor de mel de engenho
 Vem voltando, vem com cinco
 Canequinhos pendurados
 Nos grandes bules de zinco.
 Vendendo vem mel de engenho,
 Que se come com farinha,
 Que se bebe dissolvido
 Nas águas da fontainha.
 Ao seu lado caminhando
 Também vem o farinheiro
 Que fugiu de Muribeca

Sem recurso, sem dinheiro.
É farinha de mandioca
Da mais branca, da mais limpa,
Que misturada com mel
Dá gosto mesmo supimpa
E os dois vêm juntos, bem juntos
E todo o cuidado têm,
Pois se não há precaução
Não há mel para ninguém.

Entram os vendedores de mel e de farinha de mandioca.

Capitão

Depois do caldo de cana
Que nos venha o mel de engenho
Misturado com farinha
Fabricada e bem torrada
Bem torrada, bem mexida
Num largo forno forrado
De tijolos bem cozidos
Numa casa de farinha.
Vamos provar o melaço,
Vamos provar a farinha
Que estes dois aqui nos trazem,
Pois se trata de mel puro,
Que vem de açúcar grã-fino.
Um mel de engenho bangüê
Não de ruim mel de furo,
Nem aguado mel de usina.

O Capitão tira da sacola que tem ao lado, pequenas xícaras que distribui com os seus e pede ao meleiro que ponha dentro delas uma medida de mel. O vendedor o satisfaz.

Mateus *(para o meleiro quando este põe o mel)*

É de furo ou é de engenho

Este mel? Pode-se crer?

Meleiro

Pode crer que é do bom mel.

Mateus *(para o farinheiro que põe a farinha)*

E a farinha? Donde veio?

Farinheiro

Vem da casa da farinha,

Da melhor que por aqui

Se tem.

Mateus

Vamos lá, cuidado,

Para não ficar muito seco.

O meleiro e o farinheiro servem também aos outros.

Capitão *(para os dois)*

Que os dois agora, que agora

Vão seguindo, prosseguindo

Pois que a tormenta passou.

Passou também com o vento

Que muito tempo tardou.

Vão seguindo, repetindo

A mesma vida de sempre.

Dos macobecas já salvos

Vão agora repetir

A vida que já tiveram

Pois a tormenta passou.

(pausa)

Meleiro Olha o mel, bom mel de engenho
Quem quer, quem quer, quem mais quer!

Farinheiro Farinha, farinha fina
Que vendo bem baratinha!
(Os dois saindo juntos):
Mel com farinha, farinha
De mandioca da boa.
Vamos voltando, e veremos
Quem quer comer da farinha,
Quem quer provar deste mel.

Bastião *(desabusado)*

Ora mel! Ora farinha!
Para lá caldo de cana!
Antes fosse uma batida,
Um bate-bate bem feito
De cachaça e de cajá.
Mas prefiro um bate-bate
Feito com maracujá.

Saem: o lugar fica deserto por um instante e se ouvem então de novo as cantadeiras.

Cantadeiras Como se fosse um teju,
Agora chega espantado
O vendedor de beiju,
De tapioca e malcasado.
Com ele vem o gomeiro
Que vende a goma que engoma,
Com que também o padeiro

Fabrica o bolo de goma.
 Aos dois se junta um terceiro
 Que muito tempo não perde,
 Trazendo num tabuleiro
 O cuscuz de milho verde.

Capitão (*aproximando-se*)

Está muito bonito isto:
 Todos vão voltando à terra.
 À terra de Muribeca.
 (*Dirigindo-se ao vendedor de tapioca*)
 Olha cá, diz para mim,
 Que tapioca é que vendes?

Tapioqueiro

É tapioca de coco,
 É tapioca molhada
 Na água de coco inda verde
 De água de coco e de açúcar;
 Borrifada de canela
 É a escolher, meu patrão;
 E trago também beijus:
 O beiju e a moqueca
 Ou, se quiser, malcasado.
 Tudo que for de beiju
 Aqui tem o seu criado!

Capitão

Tenho fome; vou comer.
 (*para o tapioqueiro*)
 Dê-me aqui beiju, moqueca,
 E tapioca molhada.

Mateus (*para o gomeiro*)

Quero é bolo de goma.
Está bem queimadinho?

Catirina (*para o cuscuzeiro*)

Vou experimentar
Este cuscuz de coco,
É pra comer com faca?
(*pausa*)
É com leite de coco
Ou com leite de vaca?

Cuscuzeiro

Mas é de leite de coco,
Leite de coco, patroa;
Não trabalho em meu negócio
Com leite de vaca. Sim,
Cuscuz com leite de vaca
É coisa lá do sertão.

Bastião

Não sou de beijus; também
Não sou de tapiocas
O que quero, sinto bem,
É panqueca de banana.
Quero pamonha, cuscuz
De mandioca. Vocês têm?
Têm pastéis, têm rapadura?

Vendedores

Inhor não. Estas coisas
Gostosas, sei, hão de vir.
Por aí, esperem mais

Um pouquinho que virão.
Virão.

Bastião Está bem, está.
Aqui eu fico esperando.
Ouvem-se de novo as cantadeiras.

Cantadeiras O fumeiro. O fumeiro
Vem vendendo fumo
Tem o rosto bem marcado,
Todo o corpo em desaprumo.
O fumeiro. O fumeiro
Vem vendendo fumo
Pela estrada vagaroso
Caminha incerto e sem rumo.
Traz fumo de rolo, traz
Para o bem bom cachimbar
Traz também do fumo fino
Para quem quiser pitar.

*Aparece o fumeiro com um grande rolo de fumo às costas
e um menor debaixo do braço.*

Capitão Hei lá! Hei lá! Vamos ver
Que fumo é este que traz
Queria um bom fumo fino
Mas sucede que perdi
Minhas mortalhas de palha,
De palha de milho seco
Pra fumar um cigarrinho
Crioulo, como é que gosto.

Fumeiro Mas trago também a paia...
Por isso não, Capitão
Não vai deixar de fumar.

Estende uma pequena carteira cheia de palha de milho com que se fuma o cigarro crioulo. O Capitão recebe-a. Tira uma palha, corta o fumo fino, bem picadinho, macera-o nas mãos e envolve-o na palha. Acende por fim o cigarro.

Capitão (para os companheiros)

E vocês?

Mateus Prefiro o fumo...
...de rolo.

Tira do bolso um cachimbo de fornil de barro e canudo de madeira. Para o fumeiro, mostrando uma parte do fumo.

Dê-me aqui este pedaço.

O fumeiro corta o pedaço indicado. Mateus enche o fornil, risca um fósforo e começa a fumar. De vez em quando passa o cachimbo também a Catirina, que também cachimba.

Mateus (fumando) Tá bom, tá bom; e você,
Bastião, não fuma nada?

Bastião Não!
Fumar cigarro crioulo
É muito luxo pra mim;
Fumar cachimbo de barro
Com fumo novo, de rolo,
Não me apetece. Não tenho,

Não tenho vontade, não,
 Inda se fosse um charuto
 Do fumo da Bahia...

(se revisando)

Vá lá que fosse; vá lá
 Era pra mim novidade.

(aspirando a fumaça dos que estão fumando)

Mas este fuminho é bom.

Seu fumeiro, dê-me aqui.

(indica o pedaço de fumo que quer)

Vou fazer um cigarrinho
 Com mortalha de papel,
 Com fumo preto de rolo.

*O fumeiro dá a Bastião um pedaço de fumo de rolo.
 Bastião pica o fumo e faz um cigarro com mortalha de papel.
 Fuma.*

Fumeiro *(depois de receber o pagamento)*

Já estão todos satisfeitos.
 Agora vou prosseguindo,
 Voltando para Muribeca.
 Dizem que está tudo calmo;
 Pode-se ir sem perigo?

Capitão, Mateus

Tudo em paz, pode ir, amigo,
 E se arrancar bem por lá.
 Os macobebas fugiram.
(O fumeiro sai. As cantadeiras cantam.)

Cantadeiras Agora quem vem é um matuto;
Fora das calças traz a camisa,
Mostra no rosto que é muito astuto,
De alpercatas o chão ele pisa.
Agora quem vem é um matuto
Tem também os cabelos compridos.
A barba é grisalha, o gesto é bruto;
Triste e cansado, vem combalido.
Seus olhos transmitem a tristeza,
A tristeza das gentes de luto,
Sem coragem e sem fortaleza.
Agora quem vem é um matuto.

Aparece o matuto, camisa pra fora das calças, pequeno matolão amarrado a um pau e colocado sobre o ombro esquerdo. Aproxima-se.

Capitão *(para o matuto)*

Você também vai voltando?

Matuto

Inhor não, tou é chegando,
Tou vindo de serra em serra.
Do véio sertão sou fio.
Vim das serras sobre serras.
Pra que lugá num sei não.
Num sei mêmo o que dizê
Onde tá minha rezão.

Mateus

Vai ficar em Muribeca?

Matuto

Inhor não. Vou mais pra diente,

Pra cidade onde no má
Bate as onda no Recife:
No Recife ou vou chegá.

Catirina

Por que deixou sua terra?

Matuto (*sorri*)

A terra é que me deixou.
Ora veja seu doutô,
A estora vai vós mecê
Ouvi agora bem certinha,
Bem contadinha, toda ela.
A estora da sarvação,
Das terra seca, de lá,
E dos povo miserave.
No principe foi um tá
De trabaio contra a seca
Só se falava e dizia
Que a sarvação estava
Em obrar contra a secura
Das terra lá do sertão.
Abriro muntas estradas,
Munto boqueirão fecharo,
Pra se fazê os açude:
E dixeru que tava tudo
Arresolvido, dixeru.
Mas aqui, meu patrãozinho.
Estes obres num deu certo.
Num deu certo mêmo, não.
Bebeu a seca os açude,
Comeu os home tamém.

Os sarvadores se fôro.
Só eles dinheiro tem.
E o resto todo ficaro
Na mêma pobre misera.
Chegaro adepois uns home
Que formava comixão
Que era do mais arto nive
De trabaio e inteligência.
E crearo um banco, Inhor sim,
Que chamaro do Nordeste,
Sempre pensei que banco
Era pra gente cansada
Se assentá, mas o tá de agora
Era pra emprestá dinheiro
Pro povo pobre aprantá.
Fui buscá a minha parte
Pra miorá meu roçado,
Mas foro tanta exigença
Que num foi possive não
Cuma não havia arguém
Que cumprisse as exigença
O banco passou entonces
À gente rica emprestá
O tá do Banco também
Pra os pobres miorá
Certo num deu, inhor não.

Capitão

Mas isso foi noutros tempos
Passados, agora as coisas,
Todas elas andam boas

O país cresceu, cresceu,
E o Nordeste vai com ele:
Você fez mal em sair
Da sua terra e deixar
De cultivá-la.

Matuto

Num deixei
De aprantá num sinhô;
Me jogaro foi pra fora.
Logo adepois do tá banco.
De inrigação vem um tênico
O negoço foi assim
Se tornando mais pió
Pôs as terra me inundaro
Co'a nova arresolução.
Fiquei num canto escondido
Espiano o que havia,
Percurando conhecê
Em que é que consistia
A tá da irrigação.
Tiraro as águas do rio
Que era água do São Franchisco
E agora só pode ser
Do diabo que os carregue:
No fim das conta toda
As terra seca chuparo
A água que eles tiraro
Do rio; e nas prantações
Nem um pingo é que chegou
Tá tudo por lá deserto

Cuma é que sempre tivero.
Por minhas terra inundada
Num me dero cõsa arguma.
Entonces num pude mais.
Arresovi caí fora
E aqui me vou de caminho
Para a cidade do má,
Onde a espuma branca bate
Nos arrecife de pedra.

Capitão

Fez mal, amigo, fez mal
Pois neste justo momento
A irrigação terminou.
Está tudo uma lindeza
Com muito melão plantado
Cebolas, abacaxis...
Um verdadeiro portento.

Matuto (*espantado*) Só se foi agora mêmo
Que tudo isso assucedeu
Mas o certo é que as prantas
Que tinha no meu roçado
Toda ela emurcheceu...
Só pode sê um milagre.

Capitão

Pode dizer: um milagre,
É a verdadeira palavra.

Matuto

Um milagre cumo foi
O que se deu na Surdene,

Côsa também destinada
 A sarvação do Nordeste.
 Mas num tou vendo tamém
 Em que consiste a Surdene.
 Vejo tudo, e não sou surdo
 A Surdene tá parecendo
 Que tamém num vai dá certo;
 De qualquer modo vou lá,
 Vou pro Recife do má
 Vê se arranjo qualquer côsa.
 Tarvez na própria Surdene.
 Mas vou saindo, do contraro
 Vou chegá por lá já noite
 Inté logo meus sinhores.
 (*O matuto sai*)

Todos

Até logo amigo e
 Muita felicidade.

Capitão (*à parte*)

Este matuto é ladino,
 Este matuto é um patife.

Cantadeiras

Não gosto de ver sozinhos,
 Dentro em viveiros fechados,
 Como se vêem os passarinhos
 Deste vendedor malvado.
 Passarinhos! Passarinhos!
 Que cantem nas madrugada
 Livres, soltos, nos caminhos,
 Renascendo as alvoradas.

Gosto de vê-los voando
 No ar sereno das manhãs
 Gosto de ouvi-los cantando:
 Cardeais, guriatãs.
 Passarinhos! Passarinhos!
 Etc.
 Grandes viveiros guardando
 O vôo dos pobrezinhos
 Grandes gaiolas calando
 O canto dos passarinhos.
 Passarinhos! Passarinhos!
 Etc.

Entra vendedor de passarinhos, trazendo duas grandes gaiolas e um viveiro com uma grande variedade de pássaros de várias espécies: patativas, curios, corrupiões, pintores, canários, etc. Aproxima-se do capitão e do seu grupo e fala:

Passarinheiro

Aqui tenho, Capitão
 O que há de melhor na espécie.
 Aqui está o Cardeal
 Com sua trunfa encarnada;
 Aqui está Sangue de Boi.
 Tenho aqui também Canário,
 A Patativa golada,
 Xexéu, Pintor, Sanhaçu
 Bigode, Currupião
 E o Sabiá de campina
 Papa-capim, Azulão.
 Qual deles quer, Capitão?

- Capitão** Deixe-me olhar mais de perto.
Queria um sabiá da mata,
Pois o que tinha morreu
Há bem pouco. Tem aí?
- Passarinheiro** Não, tenho; o último vendi
Em Jabotão, sim senhor.
- Mateus** (*olhando para um pássaro meio esquivo na gaiola*)
E este aqui, como se chama?
- Passarinheiro** Esse é o Bacurau: está aí
Assim esquivo e escondido
Porque, como todos sabem,
Bacurau não tinha penas,
Mas roubou dos outros pássaros
As penas que agora tem
Por isso só sai à noite
Com medo de ser pegado
Como ladrão. Este aí
Custou-me muito apanhá-lo
Agora aí está; ficou
Sob a minha proteção
E goza de liberdade...
- Mateus** Também essa liberdade...
Que o diabo a leve pro inferno.
- Bastião** Eu queria era um canário,
Um bom canário de briga,

Curriador e valente
E queria uma jandaia,
Um periquito enfeitado
Nada disso o senhor tem.

Catirina

Preferia uma rolinha
Um bem-te-vi sempre alerta,
Papagaio contra-feito,
Periquito tapacu
Nada disso você tem.

Passarinheiro

Pelo que estou percebendo
Nada querem adquirir.
E já está ficando tarde.
Se não partir desde agora
Vou chegar pela noutinha
Na vila de Muribeca.
(para os presentes)
Até logo, meus senhores.

O passarinheiro levanta e põe nos ombros os viveiros e as gaiolas e sai. Começa realmente a escurecer.

Capitão

Já está ficando tarde;
Tanta coisa sucedeu
Que fez esquecer as horas
Vamos é partir quanto antes,
Vamos é partir agora
Do contrário chegaremos
Atrasados. Está perto

(levantando-se e montando no cavalo-marinho)

De anoitecer... vamos... vamos...

Em grande marcha andaremos.

*Reúne todo o pessoal: Mateus, Catirina, Bastião.
Cantadeiras e todos os figurantes deste primeiro quadro para
a Marcha da Saída. Começa o desfile ao som do canto final
das cantadeiras.*

Cantadeiras

Como foi, como foi,
Que o Doutor resolveu
Matar o seu boi.
Como foi! Como foi!

Não é matando os bois de carro
Que o Doutor ou o coronel,
Faz nascer cana no barro
E da cana escorrer mel.

Como foi, como foi
Que o doutor, etc.

Nem matar bichos mansinhos
Fez chover da atmosfera
N'ê prendendo os passarinhos
Que se impede a primavera.

Como foi, como foi
Que o doutor, etc.

Nem tampouco dos matutos
Deixar secas suas terras,

Pois nos seus varões sem frutos
Passa a morte sobre as serras.

Como foi, como foi,
Que o doutor resolveu
Matar o seu boi,
Como foi! Como foi!

SEGUNDO QUADRO

Sentados em torno da mesa de um pequeno hotel de Jaboaão, estão o Capitão, Mateus, Catirina e Bastião. Acabaram de cear, e como já é muito tarde, resolvem não dormir; pois a feira começa muito cedo. A feira onde vai ser leiloado o boi Marechal. Vai ser vendido para o açougue. Muito velho que está, não serve mais para a lavoura. Para entretê-los na vigília, Mateus começa a cantar o seu encontro com Macunaíma. As cantadeiras anunciam.

Cantadeiras

No seu cavalo de sela,
Andando em baixo picado,
O Capitão se revela
Cavaleiro consumado.
Em baixo e meio ou galope,
Puxando as rédeas, esbarra,
Suspende as rédeas no tope
Da carreira em que desgarra.
Marchando em baixo passado,
Tão macio pisa a grama,

Que da água que traz ao lado
U'a gota só não derrama.
Às vezes passa no chouto:
Pisada ruim, que incomoda.
Mas o Capitão, que é douto,
A rédea susta e acomoda.

Mateus

Porque vamos ficar aqui
Toda a noite sem dormir,
Uma história vou contar
Para a todos divertir:
(Começa a história)
Há muitos anos atrás,
Vinha eu da Paraíba
Pela estrada de Goiana,
Com destino a estas paragens
Da terra pernambucana.
Era noite; e dos campos
Cobertos por céu de estrelas
Mal se via a sombra densa...
Noite escura! Sem parada
Vinha eu a caminhar
No trecho longo da estrada
Que atravessa a grande várzea
Da Usina Nossa Senhora
Das Maravilhas; em torno
Todo o seu canavial
Tava bonito e chovido
– Já na sua quarta folha,
Por um bom vento movido.

- Capitão** Grande usina, grande várzea
Que com seus canaviais
Estende as ondas de cana
Até as ondas do mar.
- Mateus** Nesta várzea, pois, eu vinha,
Quando repentinamente
Lembrei-me de olhar o céu:
Olhei as constelações
E para surpresa minha
Estava do céu ausente
Aquela que Ursa Maior
Se chama.
- Catirina** Constelação
Faltando no céu? É estranho.
- Mateus** Sim, faltava. E me lembrei
Que aquelas estrelas eram
Astros em que transformado
Macunaíma ficou.
- Bastião** Macunaíma, meu chapa!
- Mateus** Ia assim a caminhar
Quando vi que certo vulto
Estava se aproximando,
No outro sentido ao que eu vinha,
Pela estrada capengando.
Pensei que fosse o Caipora,

Pensei mesmo em Lobisomem.
Até que, perto chegando,
Vi que era o preto safado
Sem vergonha, sem caráter,
Macunaíma chamado;
Sobre modernas muletas
Feitas de aço cromado
Tinha o seu corpo oscilante.

Capitão

Muletas de aço cromado,
Como essas que só agora
Aqui se usam?

Mateus

Justamente!

Capitão

Não é possível! Não se explica!
Onde foi Macunaíma
Encontrar na Ursa Maior
Um semelhante instrumento?

Mateus

Não sei. Era assim que vinha.
Depois, no escuro do campo,
Chegando perto de mim,
Disse: – Boa noite! Senhor.
Boa noite, respondi.
– Não me conhece? Retruca.
Conheço-te bem, moleque,
Foi o que lhe respondi.
Macunaíma levado,
Por que fugiste do céu?

Mais alguma atrapalhada?

– Não, respondeu, esta noite

Tava no céu tão bonita,

Que encantado resolvi

Dar um pequeno passeio

Por essas praias daqui.

Bastião

E como estava o moleque

Mateus? Mais novo? Mais velho?

Mateus

Ora, Bastião, você sabe

Que no céu não se envelhece.

Macunaíma, em verdade

Era o mesmo que morou

E que inda mora no livro

Do poeta Mário de Andrade.

(pausa)

Mas vou continuar contando

A conversa que tivemos

Quando junto a mim se pôs

E veio me acompanhando,

Da estrada seguindo a trilha

Ao longo do chão escuro,

Na Várzea das Maravilhas.

Falava, falava muito,

Sobretudo se queixava

Do pouco caso que dele

Faziam entre os planetas,

Por ter sido ele na terra

Homem de cor, de cor preta.

Mas eu sou, disse ele, apenas
Um pouquinho mais escuro
Que o meu pai Mário de Andrade.
E disse não tenho culpa.
Bem que o poeta podia,
Para ser a minha mãe,
Ter escolhido uma outra
Que fosse mais brancarana.

Catirina (*sorrindo*) Uma outra mais brancarana?
Mas todo mundo sabia
Que o poeta apenas teve
Uma mulher com quem pôde
Com quem pôde se agradar,
Como fez Macunaíma,
É mistério que até hoje
Não se veio a desvendar.

Mateus (*continuando*)

Depois de curto silêncio
Disse o moleque capenga:
– Como isto aqui anda mal!
Seu Mateus, quem tem a culpa?
Depois de tanta pendenga
(*meio pensativo*)
Tudo isto aqui anda mal,
E o sem caráter sou eu!
O que sucede na Terra
Fica gravado no Espaço,
No além dos mundos se inscreve.

E o que lá chega da Terra,
Da verdade inteira e firme,
É ridículo bagaço.
Vou então lhe contar uma
Que bem revela o que eu digo,
Que bem revela o que temos
Em matéria de estadistas.
(pausa, desolado)
Tudo isto aqui anda mal.

Capitão

Se é certo o que diz o negro,
A nossa história é tão cheia
De tanta asneira e tolice
Que somente tem causado
Prejuízo ao nosso povo.
Vamos lá, conta esta história
Que do capenga escutaste.

Mateus

Como já era alta a noite,
E toda a noite cheirava
A flores de cajueiros;
E de jasmims-de-laranja
Tava toda perfumada,
Convidei Macunaíma
Para sentarmos debaixo
De um pé de trapiazeiro,
Pois ali muito à vontade
Ele podia contar-me
As histórias que quisesse.
(pausa)

Naquele momento ouviu-se
Um canto cantar ao longe.

(Ouve-se um canto de cantadeiras ausentes):

Cantadeiras

Por detrás da minha casa
Há um pé de trapiá
Onde vem cantar à tarde
Sanhaçu e Sabiá.
Na frente está o mar bravio,
Suas ondas, seus pesqueiros.
E do mar a ventania
Faz cair os cajueiros.
Tudo ao pé da várzea amiga
Desta Usina Maravilha.
Nesta casa estão comigo
Minha mulher, minha filha.

Mateus *(que ficou a escutar o canto, prossegue)*

Sentamos assim os dois
Embaixo do trapiá,
E o capenga começou.
“Em terras mais para o Norte
Um coronel se elegeu
Governador do Ceará;
Chegou com muita arrogância
De fazer um bom governo,
E dizia aos quatro ventos
Que o que tinha sido feito
Antes de sua chegada
Eram só patifarias

Muita e muita safadeza
– Agora os dinheiros públicos
(Dizia em tom de grandeza)
Tem quem os guarde e conserve
Com mais pura honestidade
E com muita economia”.

Bastião

Isto é cantiga tão velha
Que ninguém mais acredita.
Todos os que assim começam
Saem sempre muito ricos,
Mais ricos do que se acertassem
No jogo da loteria.

Mateus

Mas, Bastião, não perturbe;
Deixe a história prosseguir,
Macunaíma dizia.
As providências tomadas
Pelo feliz estadista
Governador do Ceará:
Visitou repartições,
Estudou muitos processos,
Percorreu toda a região
Do litoral ao sertão,
Procurou dar atenção
Ao pobre povo faminto
Que por lá havia então.
Foi ao quartel da polícia,
Também da guarda civil.
Esteve nos sindicatos,

Foi às escolas primárias,
Foi ao corpo de bombeiros...
– Ora, aí está, precisamente
Fortaleza, a capital,
Tava toda se acabando
De tanto incêndio, e sem água
E sem bombeiro que o fogo
Pudesse mesmo extinguir.

(pausa)

Chegando ao seu gabinete,
Depois que viu os bombeiros,
Batendo o punho na mesa
Disse com ar sobranceiro:
– Vou dotar minha cidade
Do que mais novo existir
E mais moderno encontrar
Em matéria do que seja
Mais certo em maquinaria
Para extinção de incêndios.
Mandou vir o secretário.
O secretário chegou,
Consultou muitos prospectos
Do que mais moderno havia.
Mandou abrir concorrência
A concorrência se fez.
Uma comissão nomeou
Do maior, mais alto nível,
Para julgar os prospectos.
De dois meses para entrega
De todo material

O prazo determinou.
Depois do caso julgado
Mandou fazer o contrato
E o contrato se firmou.
A concorrência venceu.
Uma firma norueguesa,
Que assumiu o compromisso:
De entregar em data certa
O que mais moderno fosse
E de melhor eficiência
Em tal matéria. Assim,
Bombas de todo feitio,
Escadas que atingissem
Os mais altos dos telhados
Como tanques rapidíssimos,
Tubos, mangueiras, o diabo...
Tudo o que era de mais novo.

Capitão

Este estadista realmente
Tinha grande dinamismo.

Mateus *(continuando a narração de Macunaíma)*

“No prazo marcado, enfim,
Como tinha prometido,
A companhia entregou
Toda a tralha que escolheram;
No prazo determinado,
A Fortaleza chegou...
E logo comemorando
Em novembro, dia 15

Daquele corrente ano
O festivo aniversário
Da implantação da República,
O muito ilustre estadista
Fez percorrer pelas ruas
O mais brilhante cortejo.
Primeiro, as tropas do exército,
Logo após as da polícia,
Desfilaram os estudantes,
Os meninos dos colégios.
Também os funcionários
Públicos, os operários
Motoristas e cocheiros.
Lentamente desfilaram,
E no fim, para encerrar
Esse desfile solene,
Vinha o Corpo de Bombeiros
Com seus novos apetrechos.

Catirina

Devia ser lindo, devia...
Naquele mês de novembro
As fardas e os instrumentos
Deviam brilhar ao sol,
Emprestando um belo efeito
A semelhante parada.

Mateus

Sim. Sim. Foi. Macunaíma
Tudo isto salientou:
Um encanto... Um esplendor.
E ainda acrescentou

Que essa belíssima festa
Todos os anos seguintes,
Com brilho igual, se faria
No mesmo mês de novembro,
E sempre no mesmo dia.

(pausa)

Aqui, porém, o moleque
Fez um sorriso e parou.
Logo após pequena pausa
De novo continuou:
O povo todo na rua,
Nesses dias, sempre aguarda
A exibição final
Por ser a parte mais bela
Do desfile. Faça idéia
Do prazer do coronel.
Mas (novo riso do negro)
Vinha no fim dessa festa,
Bem na cauda do cortejo,
Uma máquina esquisita,
Muito a custo se arrastando
Pelo asfalto da avenida.
Mas a sua utilidade
Ninguém sabia, ninguém!
Olhavam todos surpresos
Para aquelas chocalhantes
Peças de maquinaria
Que parecia um dragão.
Entre si, se interrogavam
Se perguntavam curiosos,

Mas ninguém, ninguém sabia
O que mesmo responder.
– Era um completo mistério
Do mostrengo a utilidade.

Capitão

Mas a firma norueguesa
Não explicou o destino
De tal coisa?

Mateus

Esta pergunta
Fiz eu ao negro capenga.
Não me soube responder.
Apenas só me informou
Que nas datas dos desfiles
Ia crescendo a vontade
De todo homem da rua
De saber pra que servia.
A tal máquina esquisita
– Neste ponto Macunaíma
Pediú fósforo e acendeu
Um cigarro. Percebi
Que tinha na mão esquerda
Uma pulseira relógio
Que brilhou à luz do fósforo:
Belo relógio de prata.
Cigarro aceso, ficou
Fumando naturalmente,
Longo tempo meditando:
Enfim, de novo chamei-o
Perguntando se a história

Terminava ali. – Não, disse,
A coisa enfim se explicou.
Certo Quinze de Novembro,
Num belo dia de luz,
Todo de azul e de sol,
Houve como de costume
A parada. As ruas cheias,
Pelas pontas das calçadas
Tanta gente se apertava
Que o calor era danado.
Bem no meio dessa gente,
Muito se sobressaia,
De um rapagão a figura.
Muito alto e muito louro,
De olhos azuis e o rosto
De rosada pele tinha.
Estavam todos ansiosos
Que passassem os bombeiros.
Por fim, ao toque da música,
Eles chegaram vestidos
Com suas fardas vermelhas,
Seus capacetes dourados.
Todos os carros perfeitos,
Todas as bombas polidas,
Limpos e bem tratados.
Passaram; na retaguarda,
Como era já de costume,
A tal máquina surgia
A se arrastar pelo asfalto.
O rapagão, vendo aquilo

Caiu num frouxo de riso;
Ria, ria, a mais que rir...
Toda a gente se voltava
Cheia de curiosidade.
Perguntavam-lhe o que era,
E também pra que servia,
Pois da sua serventia,
No estado, ninguém sabia.
Uma senhora, a seu lado,
Conseguiu conter-lhe o riso
E dele teve a resposta:
– Eu nasci na Noruega,
Terra de frio e de neve.
Sei portanto pra que serve
A estranha maquinaria
Que acabou de desfilar.
Usada em terra tão quente,
Não tem sentido nenhum.
– Essa máquina, senhora,
É um quebra-gelo. E a rir
Continuou.

Bastião

Ora vejam,
Quebra-gelo no Ceará.
Num sol do mês de novembro!
Esse estadista é um portento
De inteligência e de amor
A sua terra.

Catirina Essa coisa,
Antes de ser quebra-gelo,
Já era quebra-cabeça.

Mateus Macunaíma calou
Ficou fumando em silêncio.

Ouve-se longe um canto de cantadeiras, longe, longe.

Cantadeiras Maria, nem sempre franca,
Minha cruel namorada,
És meu pé de urtiga branca,
Tão bonita e tão malvada.
Se vivo sempre te amando,
Sendo para mim tão dura,
Sinto o meu corpo coçando:
Pelo de cana madura.
Maria, tantas malícias
Tem teu amor tão ingrato,
Que sinto em tuas carícias
Espinho de erva-de-gato.

Mateus (*continuando*)

Ficou fumando em silêncio.
Animei-me a perguntar-lhe
Por que calou de repente
– Ai que preguiça! Me disse.
Ficou fumando em silêncio.
Por fim, a uma pergunta minha,
Por que foi que tinha vindo
Lá do alto da Ursa Maior,

E justamente desceu
 Em terra desse Nordeste.
 Resolveu falar de novo
 E disse o cabra capenga:
 – Vim visitá-los, Mateus.
 Como vai o Capitão?
 E Catirina, a moleca
 Que não quis brincar comigo?
 E o neguinho Bastião
 Inda está frouxo e mofino?
 Nunca vi negro mais fraco,
 Fraco, medroso e cagão.

Bastião (*erguendo-se da mesa, dando um murro no ar*)

Macunaíma é um cachorro,
 Cabra safado e ladrão.
 Queria vê-lo era aqui,
 Para dar-lhe um cachação.

Mateus

Aqui concordo; o capenga
 Suponho mesmo que tenha
 Um pouquinho de razão.

Mateus

Mas o moleque capenga
 Não ficou por isso, não.
 Perdeu a preguiça toda
 E continuou falação:
 “Ora, aqui está seu Mateus
 Esse caso que eu contei.
 É apenas um dos muitos

Que tenho para contar.
Mas já está ficando tarde;
Preciso voltar a ser
Ursa Maior”. Insisti
Que contasse, pelo menos
Mais uma dessas histórias,
Mais uma das que sabia.
Se convenceu. E depois
De soltar um grande peido,
Se resolveu a contar,
Ao mesmo tempo pedindo
Desculpas pelo mau cheiro.
– É que lá, na Ursa Maior
A gente não se alivia
Há muitos anos e séculos.
Perdoe a indelicadeza
Que vou contar outra história.

Bastião

Esse cabra está falando
Como doutor-bacharel.
Na terra, aqui, foi apenas
Pouco mais que um papa-mel.

Mateus

Não interrompa, Bastião
Aqui transmito o que disse
O esperto negro capenga,
Que à consagração chegou
De ser u’a constelação.
E Macunaíma disse.
“Agora, a história se conta

De um bacharel-professor,
Que por motivos incertos
Chegou a governador.
Por esses passes de mágica
Que aqui bem são conhecidos,
Chegou falando verdades
E muitas cavilações.
Falou aos funcionários
De muitas repartições
Disse a todos que eram gente
Desleixada e preguiçosa.
“Ai que preguiça”, Mateus,
É um tema brasileiro.
Querer acabar com ele
É das muitas ilusões
Dos nossos bons estadistas,
Que após honesto governo
Acabam capitalistas”.
Você está perdendo tempo.
Vá logo à história, capenga.
E ele continuou: “Mas é
Que da construção se trata,
Da maior das estroengas
Que se realizou no mundo.
Como já disse, Mateus,
Todos nossos grandes homens
Lutam, se esforçam, se empenham
Sempre em salvar a nação.
Como o outro, o do Ceará,
Este de que falo aqui

Percorreu todo o sertão,
Viu a miséria do povo
Com grande indignação,
E em voz alta se expressou:
“No meu governo, a miséria
Vai acabar de uma vez”.

Visitou, entre outras, muitas,
As instalações do porto,
As seções de saneamento,
Serviços d’água e transportes.
Numa das suas visitas
Encontrou, largada a um canto
Uma grande quantidade
De caixas e de caixotes
Amontoados ali,
Perfeitamente embalados,
Justamente como estavam
Desde o dia da chegada.
Isto por mais de trinta anos.
Um dia, olhando os caixotes,
Ali no fundo armazém,
Perguntou: “E isso, o que é?”
O secretário ao seu lado
Respondeu, torcendo as mãos:
“É uma ponte de ferro
Que ia ser construída
No cais do porto. Uma ponte
Pra carregar de carvão
Vapores surtos no porto”.

– E retrucou o estadista:

E por que não construíram?
– Desleixo, só, excelência,
De administrações passadas,
Foi a resposta que teve
Do secretário, doutor
Balduino – Ah! Era assim?
Mas agora é de outro modo.
Dinheiro nosso é sagrado.
De modo algum deste jeito
Pode ser desperdiçado.

(pausa)

– Mande abrir a concorrência
Para montar esta ponte,
Que está lá fazendo falta.”

Bastião

Que zelo, que grande zelo
Pelo dinheiro do povo.

Mateus *(continuando a história de Macunaíma)*

“E assim foi feito, Mateus.
Montaram a ponte de ferro,
Gastaram muito dinheiro.
Depois de pronta, se deu
A visita oficial
Do ilustre Governador
Que encontrou tudo perfeito,
Bem construída, bem forte.
E cheio de regozijo,
Regressou para o palácio,
Mandando fixar o dia

Da inauguração festiva,
Corrigindo assim a falta
Dos inimigos do povo.
Agora, porém, a coisa
Se tornou muito engraçada.
Preciso era que arribasse
Ao ponto onde estava a ponte,
Navio que carvão queimasse,
Para que a inauguração
Pudesse se realizar.
Ora, Mateus, você sabe
Que há muito mais de vinte anos
Os navios queimam óleo
Em grandes motores Diesel.
Carvão queimando em navio
Já era coisa obsoleta.”

Capitão

Ninguém houve que avisasse
A esse ilustre estadista
Dessa coisa tão comum,
Já de todos bem sabida?

Mateus

Fiz a pergunta ao capenga
E logo me respondeu
Que todos muito temiam,
Contrariar o doutor.
Embora fato sabido,
Proseguiu Macunaima,
Houve gente que rezasse
Pra que longe no horizonte

Surgisse ainda um navio,
Que o velho carvão queimasse.
Houve quem, sobre o telhado
Do Palácio das Princesas
Esperasse o escuro fumo
De um esquecido vapor
De algum navio fantasma,
Que viesse de repente
Salvar a situação,
Fazer voltar a alegria.
Mas foi tudo mesmo em vão.

Capitão

E a ponte, a famosa ponte,
Que destino deram a ela?

Mateus

A ponte ficou largada
Por meses, meses e anos,
Sem qualquer atividade.
Mas depois de muito tempo,
Criar um museu, pensaram.
Museu portuário, onde
A ponte para os turistas
Seria grande atração.
Mas não fizeram, venderam
Mesmo como ferro velho.

(Pausa: ouve-se o canto longínquo das cantadeiras)

Cantadeiras

Embora procure no ar
De claras e longas cores,
Não consigo ver no mar

A fumaça dos vapores.
Mas logo na linha errante
Das ondas dos mares frios,
Tão brancas e tão distantes,
Passarem vejo os navios.
E de uma vela a valuma,
Como um crescente lunar,
No azul do céu já se esfuma.
No azul do céu e do mar.

Mateus – Acendendo outro cigarro,
Macunaíma espiou
Para seu relógio de ouro.

Bastião De ouro? Antes você disse
Que o relógio era de prata,
E agora diz que é de ouro.
Que sucedeu afinal?

Mateus Ora, Bastião, era de ouro,
Mas era também de prata,
Como é a luz das estrelas,
Que são do céu o tesouro:
Às vezes luzem de prata,
E às vezes brilham de ouro.
O capenga terminou,
E até mesmo desculpou-se:
“Olhe, Mateus, o que eu disse,
E tem sentido profundo,
São coisas certas que eu vi,

E as vi de muito distante,
Longe da Terra e do Mundo.
Ninguém pode me acusar
Ou me chamar mentiroso.
Foram fatos bem reais
Não é possível negá-los.”
– E logo lhe respondi:
São fatos certos, reais,
Mas só sucedem conosco,
Só aqui se dão, no Brasil.
Embora também sucedam
Em terras de Portugal.
Não esquecer precisamos
Tão ilustre descendência.

Capitão

O estadista professor,
Que mandou construir a ponte,
Conheci pessoalmente.
Era de fato figura
Ilustre, de bons princípios.
Tanto assim que anos depois
Exerceu em sua terra
Um excelente governo.

Mateus

Já era tarde da noite
Quando por fim saímos
Da sombra do Trapiá,
Pois o capenga, ansioso,
Olhava o céu para ver
Onde andavam as estrelas

Que acompanhavam de perto
A sua constelação.
Estavam longe, bem longe.
Como agora poderia
Alcançá-la? Levantei-me.
Saí com ele, ajudando
A ir na sua cadeira
De rodas até a estrada.

Catirina

Cadeira de rodas? Não!
Você nos disse que eram
Muletas modernas de aço!

Mateus

Mas Catirina, quem sabe?
Tanto uma faz como a outra.
Ninguém sabe como marcha
Por esse abismo profundo
A constelação perneta,
Que se chama Ursa Maior.
(pausa, continuando)
Por um descer do caminho,
Disse o capenga afinal:
– Vou-me embora, seu Mateus,
Pois se no céu minha falta
Notarem, vai dar um galho
Danado entre os astrônomos
Dos observatórios. Vai
Ser o diabo; e impelindo
A toda a força a cadeira,
Desceu rápido a ladeira;

Logo passou como flecha
Por cima dos espinheiros,
Por cima das bananeiras
Que a margem da estrada bordam
E sumiu na escuridão.
Olhei para o matagal
Para ver se distinguia
Do capenga algum sinal.

(pausa)

Pouco depois olho o céu:
Novamente lá estava
Brilhando no céu supremo
A constelação da Ursa.
Ia depressa, depressa
Pra chegar até as outras
Suas vizinhas, que então
Tinham desaparecido
Nos horizontes do Além.

Capitão *(depois de olhar o relógio)*

Já está perto o amanhecer.
E a feira começa cedo.
Temos que ir sem demora
Para que outra pessoa
Não venha comprar o boi;
De partir acho que é hora.

Depois de apanharem os seus matolões e outros objetos, saem. O céu, de um azul noturno, anunciava a vinda da manhã. Caminham para o largo da feira de Jaboaão, onde são vendidos os animais: bois, carneiros, cavalos etc.

TERCEIRO QUADRO

Com seus matolões e outros objetos, o Capitão e os seus assistentes deixaram o albergue onde passaram a noite. O céu, de um azul noturno, anunciava a madrugada. Caminharam juntos para o largo da feira de Jaboaão onde ia ser vendido o boi. Durante o trajeto do albergue à feira, Mateus mantinha uma conversa com o Capitão.

Mateus

Meu prezado Capitão
Quero ser justo e sincero
Muito má foi esta ação
Desse dr. Bertolino,
De mandar o boi à feira
Ser vendido num leilão.

Capitão

Embora tenha estudado
Tudo o que é de educação,
Este dr. Bertolino
Nunca teve coração.

Mateus

A meu ver, meu Capitão,
Em vez de assim ser vendido
O nosso boi bem devia
Receber compensação.
Pelos enormes serviços
Que prestou a esta região;
Pelo menos, com justiça,
Lhe dessem justa pensão:
Pastar num pasto macio,

De capins tenros e bons,
Repousar numa cocheira
De boa palha em colchão,
E ter também, todo o dia,
Farelo e milho em ração.

Capitão

Vamos, Mateus, vamos ver
Se arrematamos o boi;
Se vier conosco, no engenho
De minha propriedade
Usarei de todo empenho
Para que tenha bom trato,
Bom pasto e boa ração.

Aparece o dr. Manuel Gostoso

Manuel Gostoso

Sou doutor Manuel Gostoso,
Provado especialista
Em justiça do trabalho:
Posso lhes afiançar
Que a causa certa acomodo
Que se os senhores me derem
A preferência, defesa
Farei do boi de tal modo
Que, em vez de morto e esquecido,
Aposentado será,
Com tudo que lhe é devido.

Capitão

Qual é o seu preço, doutor?

Manuel Gostoso

Quatro milhões de cruzados

Mateus Vige! Que preçalhão! Não
É possível, não; não pode...
Não temos muito a gastar.

Capitão Desculpe, amigo, são caros,
Muito caros seus serviços
Não tenho tanto dinheiro
Para tal preço pagar.
Entra o dr. Manuel das Batatas

Manuel das Batatas Sou Manuel das Batatas,
Da mais ilustre família
Dos Batatas de Acaru,
Que nada tem co'os Batatas,
De origem incerta e obscura,
Que são de Caruaru
Sou doutor em Ciências Claras,
Jurídicas e Sociais.
Estudei Direito Público
Como também o Privado;
Nada pra mim foi difícil,
Nada me foi complicado.

Manuel das Batatas puxa um cartão e entrega ao Capitão.

Capitão (lendo) “Doutor Manuel das Batatas
Residente em Batatais;
Aqui ninguém há que o bata
Em discursos magistras;
Com réplicas e com trélicas.

Tudo nele é na macaca,
É mesmo aqui na Batata.”

Bastião *(para Catirina)*

Cuidado! Muito cuidado.
Vai vir grande chuva grossa.
Não sei ao certo em que data;
Em vez da chuva de água
Que sempre, sempre nos falta,
Vai chover muita batata.

Catirina

É bem melhor, Bastião
Que a coisa assim se promova;
Em vez de plantar no chão
E esperar que o tempo chova
Para ver nascer; é grata
Notícia saber que ao povo
Vai vir do céu uma chuva
Já toda feita em batatas.

Capitão *(para Manuel das Batatas)*

Quanto custa o seu trabalho,
Doutor Manuel das Batatas?

Manuel das Batatas Isto depois ajustamos,
Conforme o preço vigente
Que se cobrar nesta feira
Pelo quilo das batatas.
Por exemplo: poderá
Ser sete vezes o custo

Que atingir no fim do dia
Tão útil mercadoria.

Capitão

Aceito o preço. Concordo
Com as condições propostas.
Seus serviços em defesa
Do boi estão, desde já,
Por todos nós contratados.

O Capitão, Mateus, Catirina, Bastião, acompanhados pelo dr. Das Batatas, chegaram ao local da feira onde estão sendo vendidos os animais: cavalos, bois carneiros etc.

O leiloeiro vai começar o leilão, quando, do meio da multidão, surgem vozes, e prontamente se estabelece, em plena feira, um verdadeiro tribunal; entra o advogado do boi, dr. Manuel das Batatas; aparece um promotor. Na parte mais elevada da praça instala-se também um juiz. O juiz tem um rosto quadrado, testa larga, orelhas grandes e caídas.

Manuel das Batatas (advogado do boi)

Quero aqui anunciar
Neste egrégio tribunal:
Não é morte o que merece
O boi de todos querido
Que se chama: Marechal.
Quero assim a imediata
Liberdade deste boi,
Pois, de acordo com a lei,
Ele tem todo o direito
De ser hoje aposentado
Pelos anos de serviço

Que prestou. Invoco as leis
Trabalhistas aplicáveis
Ao caso.

Promotor Não. Como boi
Ele não pode gozar
Dos benefícios das leis
Trabalhistas, muito embora
Tenha exercido com zelo.
O cargo de boi de carro,
Por muito mais de trinta anos.

Manuel das Batatas Em que razões V. Excelência
Se funda para dizer
O que acaba de afirmar.
Antes eu quero saber:
-Que atribuições é que exerce,
Neste egrégio tribunal,
Vossa Excelência? Dizei-me.

Promotor Facilmente poderei
Dizer-vos quem sou, e nesta
Feira por que estou presente.
Defendendo os interesses
Do estado. Sabei portanto
Quem sou eu; quem sou,
Para dizer não me embrulho.
Sou promotor da Justiça
Cujo nome todos sabem:
Doutor Petrarca Pedroso,

Assisto em Pedra do Entulho,
Município de Pedreira,
Distrito de Pedregulho.

Bastião (*para Mateus*)

Cuidado, Mateus, cuidado.
Cuidado que vem pedrada.

Promotor

Pode ser um pouco estranho
Que assistindo assim tão longe,
Desta comarca em que estamos,
Comarca de Santo Amaro
De Jaboaão, aqui esteja,
Fora da jurisdição
Em que me cabe atuar;
Aqui esteja em plena ação
De encargo profissional;
Mas a minha transferência
Foi feita de pleno acordo
Com nossa Constituição,
Segundo artigo dezoito,
Parágrafo vinte e um
Item cento e vinte e quatro,
Combinado com o artigo
Número sessenta e nove.

Manuel das Batatas Agora sei que estou diante
De um dos membros mais ilustres
De nossa corporação.
Figura das mais brilhantes

Que honra as letras jurídicas;
Rendo as minhas homenagens
Ao eminente colega.
Mas insisto, e vou provar
Que o boi Marechal está
Enquadrado em nossas leis
Do trabalho, e assim direito
Tem à aposentadoria,
Com todos emolumentos,
Quinquênios e percentagens,
Ajudas para saúde;
Direitos todos que estão
Inscritos na lei.

Promotor

Esta lei,
Nobre colega, porém
Não se aplica, não se estende
A um ser da raça bovina
Só têm direito a gozá-las
Os seres da raça humana.

Manuel das Batatas

Esteve certo, doutor,
Até bem pouco. Ah! Esteve.
Mas, Excelência, quem sabe,
Quem sabe mais distinguir,
Por estes dias de agora,
Entre humanos e bovinos.
Por isso peço ao colega
Que me prove a diferença.

Promotor

A diferença é evidente.
É de evidência concreta.
Toda e qualquer semelhança
Está apenas no abstrato:
O que nos bois é visível
Entre os homens é apenas
Prolongamento invisível.

Manuel das Batatas Vossas alusões transcendem

Do que pedi; não tentei
Ofender a raça humana;
Apenas quis aludir
A ser possível que um dia
Se chegue a fazer transplante
Da cabeça de um bovino
Para o pescoço de um homem;
Por exemplo, transplantar,
Ou, para melhor dizer,
Trocar de vez a cabeça
Do grande boi Marechal
Com a que agora possuo
E ao próprio recinto trouxe
Deste augusto Tribunal.

Juiz (*levanta-se furioso dirigindo-se ao advogado*)

Protesto! Protesto! Isto é
Um insulto à dignidade
Da justiça. A palavra lhe
Casso, Doutor das Batatas.
E ao promotor de justiça

Ganho de causa é que dou.
 Não tem cabimento algum
 A aplicação dessas leis
 Aos bovinos. Assim sendo,
 Está encerrada a sessão.
(Voltando-se para o leiloeiro)
 Vamos, comece o leilão.

Grande rebulição entre os assistentes da feira. Juiz, promotor e advogados saem correndo debaixo das bexigadas de Mateus e Bastião. O leiloeiro resolve afinal começar o leilão. Aparece trepado num pequeno estrado com um martelo na mão.

Leiloeiro *(mostrando o boi Marechal)*

Este boi gordo e bonito
 Agora está em leilão.
 Sua carne suprirá
 Toda uma população.
 Ora viva! Venham cá!
 Vamos, vamos começar.
 Primeiro lance, quem dá?

Capitão *(aproximando-se em companhia dos seus ajudantes)*

Como Capitão que sou,
 Aqui quem manda sou eu.
 Portanto, seu bê-da-merda,
 O lance primeiro é meu.
 Darei pelo boi de carro
 Agora aqui leiloado
 Apenas meia pataca.

Leiloeiro

Meia pataca não pode.
É um lance muito baixo.
Para o início do leilão.
Este lance é rejeitado.
Que outro fale e proponha.

Capitão (*avançando sobre o leiloeiro*)

O lance é este, bandido
Comece já o leilão,
Comece, pois do contrário
Leva um grande bofetão.

Leiloeiro (*trêmulo de medo*)

Pelo boi meia pataca,
Meia pataca, pataca
E meia pelo boi; não
Há quem dê mais? Não, não há?
Meia pataca, senhores.
O boi aqui em leilão.
Foi bom de coice e cambão.
Não há quem dê mais, não há?
O boi é gordo e bonito,
De carne é quase um leitão
Não há quem...
(isto é dito em completo silêncio)

Capitão (*pegando o leiloeiro pelo pescoço*)

Seu paspalhão...
Acabe com estes gritos.
Tudo aqui é gente minha,

E mais do que isto ninguém
 Dá. Pare com estes gritos,
 Bata o martelo, e me entregue
 O nosso boi Marechal.
 Nosso boi que levaremos
 Para viver bem tranqüilo
 Nos campos do meu engenho;
 Engenho que tenho aqui
 Bem perto de Jaboaão.
 Bata o martelo, imbecil
 Ninguém dá mais, já lhe disse.

Leiloeiro

Bato o martelo porque
 Ninguém deu mais pelo boi.
 (*para o capitão*)
 Capitão, pode levá-lo.

O Capitão, seus companheiros e a multidão se aproximam e tomam posse do boi.

Capitão (*antes de deixar o leiloeiro, dá-lhe uns tapas*)

Aqui está meia pataca,
 Aqui está pataca e meia,
 Meia pataca, imbecil.
 E lhe dou de mão aberta,
 Podia dar de mão cheia.

Propaga-se então por toda a feira uma dança generalizada, onde vários cantos de cantadeiras são ouvidos de vários lados; a composição do bailado, que é designado como Bailado da Feira, deve ter coreografia cuidadosa sobretudo nas entradas e nas superposições dos cantos; os

cantos serão três; no momento em que o boi é posto em liberdade começa a cair uma chuvinha fina.

Primeiro canto

Chuvinha boa, que está chuviscando
Do céu-peneira, está peneirando.
Lavan, Lavan, Lavandeira
Lavan, Lavan, Lavandeira
Alvéloa! Alvéloa!
Lavando a roupa de Nossa Senhora
Nossa Senhora
Lavando a roupa de Nossa Senhora.
Pequenina chuva, pene-peneira
Do céu cinzento, oi na cajazeira
Lavan, Lavan, Lavandeira, etc.

Velha mangueira tem manguito só
Cajueiro brabo, oi! Oiti coró.
Lavan, Lavan, Lavandeira, etc.

Coqueiro velho que não dá mais cacho
Mamão caiano, oi! Mamoeiro macho.
Lavan, Lavan, Lavandeira, etc.

No terreiro limpo onde a chuva morre
Pelo rego raso, oi! Muita água escorre.
Lavan, Lavan, Lavandeira, etc.
E a chuva cai, todo o campo acorda
Mamão caiano, oi! Mamão de corda.
Lavan, Lavan, Lavandeira, etc.

Segundo canto

O boi bom ficou liberto

O nosso boi Marechal

Agora vai, vai decerto

Vai viver em bom curral

E tina grande

Muito farelo (coro)

De trigo achar

Comida farta vai ter

De boa e melhor de dar

E quando a noite descer,

Em cocheira se alojar.

Ração de milho

Capim de planta (coro)

Pra ruminar.

Para Bongy o levaremos,

O engenho do Capitão,

Onde a comer lhe daremos

Muito bom capim limão.

Capim membeca

Capim melado (coro)

E jaraguá.

Onde vai a céu aberto

Desde o nascer da manhã

Pastar em campo coberto

Do melhor capim milhã.

Capim gordura

Capim cheiroso (coro)

Pra mastigar.

Terceiro canto

Vamos, vamos, vamos, vamos
Vamos indo para o além
Para as distâncias nascido
O boi de carro aqui vem.
Vamos, vamos, vamos, vamos
Vamos todos em alegria
Pois agora o nosso boi
Vai em boa companhia.

Ouvem-se os sinos da igreja de Jaboatão anunciando a primeira missa rezada no Dia de Natal.

Viva a Missa de Natal,
Pela Glória deste dia,
Pois é a data em que nasceu
Em Belém nosso Messias.

Ao terminar o conjunto dos três cantos, o último naturalmente se transformará no canto de marcha, pois o Capitão, o seu grupo e todos os admiradores do boi formam um cortejo de saída. Desaparecendo, deixam vazio o recinto.

As cantadeiras (*cantam o canto de saída*)

Cana pitu, cana caiana
Cana fita e sarangó
Dentro do canavial
Ei boi!
Ei boi!
Meu boi Marechal
Cana cuba, cara barbada
Cana roxa e Maranhão
Dentro do canavial etc.
Cana verde, cana crioula

Cana soca e Cavalcante
 Dentro do canavial
 Ei boi! etc.

Ouve-se, de repente, o apito de uma locomotiva de usina. Logo após, o rumor da mesma e dos carros carregados de canas que a acompanham; dentro de poucos segundos, de súbito, um grande clamor. O trem pára. Aparecem pessoas espavoridas, espantadas, desoladas.

Mateus (*aparecendo*)

O boi atingido pela
 Locomotiva do trem
 Agora está, não se sabe,
 Entre a vida e a morte. Assim,
 Vou buscá-lo, vou trazê-lo
 Para aqui. (Sai)

Entram, arrastando o boi desacordado, o Capitão, Catirina e Bastião. Entram todos os admiradores do boi que acompanhavam o cortejo. O boi, que está morto, é depositado no meio do recinto.

Capitão

O caso é muito difícil.
 O choque foi violento.
 Não sei se chame um doutor
 Ou se chame um curandeiro.
 Penso que ele inda está vivo
 E que inda possa ser salvo,
 Estamos porém distantes
 De qualquer um povoado.

Catirina

Aqui bem perto eu conheço
Que mora um bom rezador,
Que reza rezas diversas,
Que reza orações de força;
Podíamos nós chamá-lo.

Mateus

Com uma oração de força
Podíamos bem salvá-lo
Oração de muita força
Que destrua os malefícios
Provocados por Satã.
(para Bastião)
Vai, Bastião, corre ali,
Até aquele quimbembe:
É onde mora o velhote
Capaz de fazer milagres,
O que é mais afamado
Entre todos rezadores;
Que sabe orar às estrelas,
Que sabe o credo às avessas,
A oração da Cabra Preta,
A oração do Meio Dia.

Catirina

Que sabe a oração maior
À Virgem Santa Justina
Que venceu São Cipriano
Apaniguado do Diabo;
Que venceu e o convenceu,
Que o fez bispo, que o fez santo.

Mateus Que prende tudo com *dois*,
 Com *cinco* tudo ele ata
 Tudo prende só com *um*
 Com *zero* tudo desata.
 (*para Bastião*)
 Vai, Bastião, vai chamá-lo.

Bastião sai e volta com o rezador. É um negro com um grande chapéu de palha de carnaúba. As abas do chapéu muito puídas. Tem uma barbicha no queixo, já grisalha. Usa uma velha calça com dois remendos nos joelhos. E uma espécie de camisola descendo um pouco abaixo dos quadris. Alpercatas.

Rezador (*cumprimentando o Capitão e os circunstantes*)

Em que é que posso servi-los?
 (*pausa*)
 Que vos protejam, senhores,
 As cruzes santas dos santos
 Que morrem na agonia
 De morte crucificada.

Capitão Senhor Rezador, chamei-o
 Para rezar sobre a carne
 Deste boi que aqui se vê
 E a sorte benevolente
 Que possa lhe dar com rezas;
 A sorte boa lhe dê.

Rezador Meu Capitão, é costume
 Em momentos como este

Se procurar um doutor
Em medicina legal;
Ou um grande operador
Que a mesa da operação
Põe no centro da platéia
De algum teatro de arena
Como se fosse um toureiro.
Mas não sei se isso convém.

Mateus

Tem razão, seu Rezador.
Operador hoje em dia
É um toureiro a exhibir-se
Com gestos de matador,
Maneja espada e muleta,
Diante de um anfiteatro;
Depois dos bandarilheiros
Entra sempre pra matar.

Capitão

Mas justamente por isso
Não o queremos aqui
Do boi nos constrange a morte
Queremos vê-lo é bem vivo,
E isso vamos conseguir
Com rezas de um rezador.
(voltando-se para o rezador)
Suas rezas.

Rezador

Se é sua ordem,
Cumprida será, patrão.
Vou rezar pelo boizinho.

Bastião O coração deste boi
– Clinicamente está morto –
Poderá ser transplantado
Para o peito do prefeito
Da cidade de Morenos,
Que está mal do coração.

Rezador Vou começar minhas rezas
Mas primeiro eu vou benzê-lo
Contra todas as malícias
E maldades deste mundo.
Logo após iniciarei
Minha primeira oração.

O rezador aproxima-se do boi, fazendo o gesto de benzer.

Rezador Contra o cão faminto e guenzo,
Contra o pé de um bode coxo,
Contra o chifre de um boi mocho
Eu te benzo, benzo, benzo
Por três vezes neste arrocho.
(Pausa. Mudando a gesticulação)
Pela cruz de Santo André,
A grelha de São Lourenço,
Com amor e muita fé
Eu te curo, eu te penso
As feridas que sofreste.
Eu te ponho aqui de pé.
Eu te salvo e recompenso
Das dores que recebeste

E com valor suportaste;
As feridas do desastre
Muito em breve estão saradas,
E a morte que encontraste
Já é coisa que se foi.
(pausa breve: para o boi)
Levanta-te, vai, ergue-te, meu boi.

O boi não se move; o rezador levanta os olhos para o céu e reza em silêncio; concentra-se, anda para um lado e para o outro. Enfim pára. Dirige-se novamente para o boi.

Tentaremos novamente
Com uma oração mais forte;
Que todo este povo aqui
Se concentre no pedido:
Pela do boi boa sorte
Pela do boi boa sina.
(pausa)
Vou usar todo o sentido
De oração muito mais forte:
A da Pedra Cristalina.

O rezador se encontra imóvel, algumas lágrimas caem-lhe dos olhos, e salpicam sobre o corpo do boi. Olha para o alto, para o céu.

Minha pedra cristalina
Que no céu brilha infinita
Como estrela matutina,
Cada vez, vez mais bonita,
És a hóstia consagrada
Sobre um cálice de ouro
Que nasceu

De uma alvorada
Sobre o azul dia vindouro.
Que este boi aqui deitado
Já na sombra do silêncio
Seja do chão levantado
À voz de Santo Inocência.
Minha pedra cristalina,
Brilhando em céu infinito
Com luz de céu me fascina,
E este boi eu ressuscito.
(Pausa. Dirigindo-se ao boi)
Minha pedra cristalina
Onde o dia a noite inverte,
Como estrela matutina.
(pausa)
Meu boi! Meu boi! Desperte!

O boi fica imóvel como antes. O rezador não perde a calma. Reconcentra-se e depois desperta. Exclama.

Agora há só uma saída;
Se com ela não for possível
Toda reza está perdida.
(pausa)
Vou ficar por um momento,
Um pouco a comer palavras,
Comer palavras de sonhos,
De inocência e de verdade.
(pausa)
Como o doutor que cura
Se o doente já está curado,
Como o jogador que acerta

Quando o bilhete que compra
Já se encontra premiado
Como a voz que vem salvar
Quando já está tudo acabado.
O jeito agora é rezar
A minha própria oração,
A que sempre me guardou
De toda angústia suprema
Que meu coração fervia.
Vou rezar minha oração
De uma noite que era um dia.
Com isto perde o valor
Que para mim possuía
De proteger e guardar.
No entanto vou rezá-la
Em benefício do boi.

*O rezador tira do pescoço um saquinho e abre. Como
saindo do saco, a oração vem na voz do rezador.*

Numa noite que era um dia
Eu vi surgir e brilhar
Na luz de Santa Maria
As ondas claras de um mar.
Em noite de tanta luz
Eu vi as ondas surgindo
Sobre as quais caminhou Jesus
Milagres distribuindo.
Vi a árvore sagrada
Com a qual se fez a cruz.
Com as ondas, com a árvore
E a luz de Santa Maria

Meu corpo guarde e vos guarde,
 E guarde quem seja mais
 Que por mim peça ou proteja,
 E o leve são e bem salvo
 Até às portas da igreja.
 Até a noite chegar
 De viver-sobreviver.
 A noite! do último dia.

O rezador pára, e depois volta-se para o boi com extraordinária veemência.

Vai, surge do chão inerte,
 Deste chão comum eterno;
 Toda vida em ti desperte
 Como a Glória sobre o inferno.

À última palavra do rezador o boi dá um mugido e tenta levantar-se, mas, de súbito, cai novamente morto, no chão. O Capitão, Catirina, Mateus, Bastião e todo o povo que o segue dão um grito uníssono de espanto.

Rezador

Era a oração que tinha...
 Mas era forte demais
 Esta oração que foi minha,
 Foi para o boi muito forte.
 Chegou a ressuscitá-lo,
 Erguê-lo do chão da morte
 Mas a ação foi violenta
 E o boi morreu novamente,
 Agora não é possível
 Ressurgir de duas mortes.
 Até hoje não se achou

Oração para esse fim.
O boi está morto, morto
Sem poder de ressurgir.
Precisamos conformarmos
Com a vontade divina
Que vem de Deus e do céu
E os seres todos domina.

*O rezador baixa a cabeça, toca em despedida no chapéu
de palha e, em passos miúdos, caminha para sair.*

Bastião Seu Rezador, pelo boi
Não podia pelo menos
Rezar umas incelências?

Rezador Posso rezar, Bastião,
Se as cantadeiras cantarem
Com a voz no coração.
(pausa)
Vou tirar a reza, mas
Devemos ser muito breves,
Pois durante as incelências
Nossa Senhora do Céu
Fica sempre de joelhos,
Escutando as nossas preces;
Se muito tempo levamos
Poderá ficar zangada
E o morto ser desprezado
E o morto não conseguir
Tudo que a ela é rogado.

As cantadeiras, dirigidas pelo rezador, começam a cantar as incelências enquanto todos os circunstantes começam a ornar com folhas, flores e frutas o corpo do boi.

Rezador *(tomando solene atitude)*

Uma incelência vos peço
Pois do morto me despeço

Cantadeiras

O nosso boi que morreu
Para o céu agora vai.
Mãe de Deus! Mãe de Deus,
Seus pecados perdoai.

Coro *(de todos os presentes)*

Mãe de Deus! Mãe de Deus,
Seus pecados perdoai.

Rezador

Duas incelências agora
Pela importância da hora.

Cantadeiras

Senhora da Guia, guia
Até o céu, nosso boi
Que de nós era a alegria
Que tão bom em vida foi.

Coro

Que de nós era a alegria
Que tão bom em vida foi.

Rezador

Três incelências eu lembro
Nesse dia de dezembro

- Cantadeiras** Nossa Senhora das Graças
Cantando aqui teu louvor
Rogamos todas que faças
Por este morto favor.
- Coro** Rogamos todas que faças
Por este morto favor.
- Rezador** Quatro incelências reclamo
Pelas santas que aqui chamo.
- Cantadeiras** A Santa Marta, a Santa Ana
Pelo boi rezem em jejum
Sete dias da semana
Sete dias e mais um.
- Coro** Sete dias da semana
Sete dias e mais um.
- Rezador** Cinco incelências promovo
Pelo boi, glória do Povo.
- Cantadeiras** A alma do boi caminhando
Senhora da Luz, em breve
Lhe ofereça ao céu chegando
Água branca e sono leve.
- Coro** Lhe ofereça ao céu chegando
Água branca e sono leve.

Rezador	Seis incelências provoco E a graça de Deus invoco
Cantadeiras	Cheiro de lírio e lilás, De madressilva celeste No alto do céu sentirás Pois nada de mal fizeste.
Coro	No alto do céu sentirás Pois nada de mal fizeste.
Rezador	Sete incelências exijo Que nos trarão regozijo.
Cantadeiras	Sentimos no ar um sinal Soando como um aviso Que o nosso boi Marechal Vem de entrar no Paraíso.
Coro	Que o nosso boi Marechal Vem de entrar no Paraíso.

Durante as primeiras incelências todos os presentes se ocupam de ornar o boi com flores, frutas e folhas para que possa assim entrar no Paraíso. Quando o rezador pede, por exemplo, cinco incelências, essas devem ser repetidas cinco vezes, a princípio em tom mais alto, depois baixando para um tom mais grave. Ao final da última das sete incelências, o Capitão avança até o corpo do boi e fala para todos.

Capitão

Este boi foi um exemplo
Para os homens; sua ação
Neste mundo fique sempre
Na memória de nós todos.
Seu valor, sua bondade
Se transmitia para aqueles
Que o admiraram em vida.
Proponho assim que o levemos
Para um lugar reservado.
E a carne dele por todos
Seja lá distribuída;
Mas por todos que quiserem
Ser tão bom como ele foi.
Vamos partir e levá-lo.
Que todos guardem consigo
O gosto da carne sua
O gosto dela conservem
Por toda vida e trabalhos
Que ainda tenham por vir.
Tudo então se perpetua
Depois do último sol
Antes da primeira lua.

*Preparam-se então para levar o boi e para a
distribuição de sua carne.*

Cantadeiras *(acompanhadas por todos aos presentes)*

Meu boi
Meu boi
Morreu
Morreu

Meu boi Marechal
 Meu boi Surubim
 Meu boi
 Meu boi
 Não sei
 Não sei
 Não, não sei o que
 O que será de mim.
 Meu boi
 Morreu
 Meu boi
 Morreu
 E outro como ele
 Não terei jamais
 Adeus
 Adeus
 Meu boi
 Adeus
 Adeus meu boi (*bis*)
 Até por nunca mais.

O cortejo arrastando o boi, sai de cena. Por certo tempo a cena fica vazia. Depois de curto silêncio entra pela direita o vaqueiro Mateus, que canta um aboio de despedida do engenho Brejal, onde foi vaqueiro do dr. Bertolino, dono do boi Marechal. A cena fica vazia por algum tempo. Surgem, pelo lado direito, de repente, Mateus, Catirina e Bastião, munidos dos seus respectivos matolões. Param.

Mateus (*canta o aboio Adeus Brejal*)

Adeus, Brejal! Adeus Brejal!

Pelas terras do sertão vou caminhar
Entre facheiros, alastrados, macambiras,
Junto às cercas de avelós:
Por estes campos que agora vou deixar
Nunca mais.
Nunca mais
Se ouvirá a minha antiga voz!
Adeus, Brejal! Adeus, Brejal!
É verde todo o sertão, verde, verde
Para lá partirei, e lá viverei.
Pela primeira vez é que abandono
O engenho em que nasci
Porque além dos seus cercados
Pasta o gado de outro dono.
Adeus, Brejal! Adeus, Brejal!
Agora que não tenho mais boiada
De tristezas, de mágoas e saudades,
À frente vou levando o meu comboio;
E os ares tão limpos desta terra
Minha terra
Perderão para sempre o som do meu
aboio
Adeus, Brejal! Adeus, Brejal!

Mateus, Catirina e Bastião saem pelo lado.

Termina o boi.